

PRESENÇA DA RELIGIÃO NA LITERATURA BRASILEIRA

José Ferreira Pio

Escola Técnica Federal da Paraíba - ETEFPB

Av. 1º de Maio, 720 - Jaguaribe - 58015-430

João Pessoa - Paraíba - Brasil

Resumo

No caso do Brasil, Literatura, Religião e História trilham o mesmo caminho, ganham o mesmo espaço, pois derivam de uma mesma fonte: a Carta de Pero Vaz de Caminha, considerada a certidão de nascimento da Terra de Santa Cruz. A trilogia se funde e, em bloco, se expande, do quinhentismo à modernidade.

Às vésperas dos 500 anos do descobrimento, o Brasil reviverá os acontecimentos do 22 de abril, em Porto Seguro, na Bahia, sob as influências desse trinômio formador de nossa cultura e de nosso modo de ser. E uma vez mais História, Religião e Literatura se fundirão, em pleno pós-modernismo, reescrevendo a história pátria.

Este trabalho pretende “viajar” do século XVI ao século XX, acompanhando a presença da religião na literatura brasileira.

Palavras-Chave : Literatura, Religião, História.

1. INTRODUÇÃO

O primeiro documento histórico sobre o Brasil - a Carta de Pero Vaz de Caminha (1450-1500) [1] - escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, escrita a el-rei Dom Manuel, aponta caminhos e sugere providências que a coroa portuguesa deveria seguir ou tomar em nome da evangelização do nativo da terra recém descoberta além-mar. Pero Vaz observa em sua carta-documento: “Parece-me gente de tal inocência que, se os homens entendesse e eles a nós, que seria logo cristãos”. Transparece, em consonância ao espírito luso, cujo anseio expansionista material se acrescenta à espiritual, a valorização da religião, ao afirmar: “não duvido, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, fazerem-se cristãos e crerem na santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga”. Mais explicitamente, Pero Vaz enfatiza o porquê da missão evangelizadora que propõe: “E portanto, Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar na santa fé católica, deve entender em sua salvação, e prazerá a Deus que, com pouco trabalho, assim será”.

Registra a Carta de Caminha que, plantada a cruz em terras firmes e virgens, o religioso Frei Henrique de Coimbra oficia a primeira missa em altar ali armado. O ato oficioso de posse definitiva da terra se efetivaria ante o marco-símbolo da religião dominante em Portugal e colônias, e se expandiria por séculos e gerações futuras, atestados por escritores e obras várias representativas dos mais diversos movimentos e escolas literárias, da Carta de Pero Vaz de Caminha até a atualidade.

2. Séc. XVI - Quinhentismo

A conquista material da terra brasileira seguiu-se, concomitante, à conquista espiritual do nativo, merecedora de registro especial de Pero Vaz de Caminha, pois, segundo afirma, “o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar”[2]. O escrivão da armada se refere à salvação espiritual, à conversão do gentio à fé católica, inviabilizando qualquer possibilidade futura de penetração da Reforma Protestante, “a maior ruptura ocorrida no seio do Cristianismo”[3].

A ação missionária se dá a partir de 1549, ante a chegada dos primeiros jesuítas à Bahia, sob o governo de Tomé de Souza. Três nomes se impõem neste período, por força do riquíssimo e vasto volume de informações que se pode colher da preciosa obra que forma o filão-mor da produção escrita na época sobre os índios, seus costumes, seus hábitos, sua catequese: Manuel da Nóbrega,

Fernão Cardim e Padre José de Anchieta. Os textos dos Padres José de Anchieta e Manuel da Nóbrega punham em evidência “a preocupação com as conquistas espirituais: trazer novas almas para o seio da ameaçada Igreja Católica Todavia, em termos literários, a parte mais importante dos textos jesuítas é aquela de intenção pedagógica e moral, em forma de poemas e peças teatrais”[4].

2.1 No poema sacro do “Santíssimo Sacramento”, o Padre Anchieta (1534-1597) faz um louvor a Cristo eucarístico presente no pão sagrado, que se nos oferece como manjar divino, conforto e graça

“ Ó que pão, ó que comida
ó que divino manjar
se nos dá no santo altar
cada dia!

.....

E para que nos conforte
Se deixou no sacramento
Para dar-nos, com aumento,
sua graça”.[5]

2.2 A poesia de Padre José de Anchieta acentua características básicas reveladoras do momento histórico vivenciado no século XVI, em nível de mundo, e nos apresenta o seu lado profundamente místico, espiritual: tema religioso e moral, visão teocêntrica, pureza e ingenuidade.

Observe-se o poema “A Santa Inês”, a quem ele intitula, com afeto, de cordeirinha linda, revelando o mais puro e místico amor. Nos dois últimos versos de cada estrofe, Anchieta justifica o motivo da alegria do povo que “folga” com a vinda da “Cordeirinha santa”.

“Cordeirinha linda,
Como folga o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Cordeirinha santa,
De Jesus querida,
Vossa santa vinda
O diabo espanta,

Por isso vos canta,
Com prazer, o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo”.[6]

Em “Das vaidades das cousas do mundo”, Padre Anchieta deixa transparecer sua visão de mundo:

a) *o material, onde*

“Não há cousa segura
Tudo quanto se vê
se vai passando
A vida não tem dura.
O bem se vai gastando
Toda criatura
passa voando”;

b) *o mundo espiritual, onde*

“Em Deus, meu criador,
está todo meu bem
e esperança,

meu gosto e meu amor
e bem-aventurança.
Quem serve a tal Senhor
Não faz mudança”.[7]

A conclusão, após a leitura e reflexão dos textos lidos, é inequívoca: é puro teocentrismo.

2.3 O padre Fernão Cardim (1540-1625) percorreu o litoral brasileiro em visita missionária às comunidades jesuíticas e seus colégios espalhados pela costa da colônia. Há de se atribuir valores significativos, pela importância histórica de que se reveste a sua obra, face à abundância de informações que dela se pode colher, visualizados já pelo longo título de seu trabalho: *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuíta pela Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente*.

2.4 O padre Manuel da Nóbrega (1517-1570), superior da Companhia de Jesus, no Brasil, deixou-nos a preciosa obra *Diálogo sobre a conversão do gentio*, além de numerosas cartas dirigidas a seus superiores, na Europa, cientificando-lhes sobre o progresso das missões no Brasil e a expansão do catolicismo, graças ao trabalho missionário e evangelizador jesuítico, na colônia.

3. Séc. XVII - Seiscentismo

O preocupante espírito expansionista da fé católica, expresso na Carta de Pero Vaz de Caminha, paralelamente à conquista material da terra, punha em evidência “a reação da Igreja Católica, visando impedir e combater a expansão do protestantismo”,[8] cuja doutrina, considerada herética pelo Concílio de Trento (1545-1563), provocara a Reforma Protestante “movimento encabeçado por Martinho Lutero (1483-1546) que pretendia reformar a Igreja Católica e que terminou no grande cisma do Ocidente”[9] convulsionara o mundo ocidental e esfacelara o poder absoluto de Roma.

Uma das possibilidades de restabelecimento da harmonia perdida em conflito de poder, de conquista dos fiéis, agora divididos entre católicos e protestantes, decidida pelo Concílio de Trento, foi a fundação da Companhia de Jesus (1540) que, doravante, desencadearia trabalhos de reação. Essa instituição se tornaria de relevante missão cultural-religiosa para a Literatura Brasileira, uma vez que aos jesuítas caberia a responsabilidade do ensino formal, além da transmissão do pensamento religioso católico dominante: “expandir a fé católica segundo a santa tenção de Vossa Alteza” (Carta de Pero Vaz).

3.1 O mais expressivo nome que aflora o século XVII, na prosa brasileira, é o luso-brasileiro Padre Antonio Vieira, nascido em Lisboa em 1608 e falecido na Bahia, no ano de 1697. Sua vasta obra literária está dividida em profecias, cartas e sermões. Tânia Pellegrini esclarece que “Ao leitor brasileiro interessam sobretudo os sermões, dentre os quais destacam-se os seguintes:

- Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, proferido na Bahia, em 1640, no qual ele exorta o povo da Bahia a reagir contra a invasão holandesa, que traz consigo o protestantismo.
- Sermão da Primeira Domingo da Quaresma, pregado no Maranhão, em 1653. Nele, o orador tenta persuadir os colonos a libertarem os indígenas cativos.” [10]

Uma referência deve ser creditada “ao Sermão do Mandato (1650) sobre o amor místico de Cristo, considerado um de seus mais belos e perfeitos sermões.” [11]

Em plena modernidade, limiar do terceiro milênio, os sermões de Padre Vieira afluem como luz e lâmina, em meio ao caos político-administrativo e econômico brasileiro, apontados nos escândalos do poder central. No século XVII seria a Bahia o cenário-palco, império “dos ladrões de maior calibre e de mais alta esfera”. Estaria Vieira, à semelhança dos profetas, antevendo as trevas da Previdência Social, do Orçamento da União, e os escândalos do Brasil neoliberal ?

No “Sermão do bom ladrão” o Padre Vieira retrata o momento político-social vivido no Brasil colônia e situa a posição moral que deveria nortear a conduta dos administradores, em favor do povo e da justiça. Eis um trecho:

Suponho que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado, como diz Salomão: “O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao inferno”.

Os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera, os quais debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento distingue muito bem São Basílio Magno. “Não são ladrões, diz o Santo, os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título, são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos.”

Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados, estes furtam e enforcam.

Diógenes, que tudo via com mais aguda vista que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: “Lá vão os ladrões grandes enforcar os pequenos.” [12]

3.2 Gregório de Matos Guerra (1633-1696) nasceu na Bahia e morreu em Pernambuco. É considerado o mais representativo poeta brasileiro do seiscentismo, por sua origem e genialidade. Produziu poesias líricas, satíricas e religiosas. Nesta, o poeta assume a postura de arrependimento da vida pregressa.

É na poesia sacra que o poeta revela paz, harmonia e arrependimento diante de Deus e dos homens a quem ferira (nos passados anos), buscando, na fé, sua salvação espiritual e moral.

“A vós correndo vou, braços sagrados,
Nessa cruz sacrossanta descobertos;
Que para receber-me, estais abertos,
E por não castigar-me estais cravados.”[13]

O tema do arrependimento, seguido de perdão e salvação, por força da fé, domina toda sua produção poética neste estilo:

“Esta razão me obriga a confiar,
que por mais que pequei, neste conflito,
espero em vosso amor de me salvar.”[14]

O soneto “Pecador contrito aos pés de Cristo crucificado” exemplifica a postura de Gregório de Matos Guerra frente ao divino:

“Ofendi-vos, meu Deus, bem é verdade,
É verdade, Senhor, que hei delinqüido,
Delinqüido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade, que encaminha a vaidade,
Vaidade, que todo me há vencido;
Vencido quero ver-me e arrependido,
Arrependido a tanta enormidade.

Arrependido estou de coração
De coração vos busco, daí-me os braços
Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro me mostra a salvação

A salvação pretendo em tais abraços,
Misericórdia, amor, Jesus, Jesus.” [15]

4. Séc. XIX - Romantismo

O Romantismo brasileiro (1836-1881), rico em prosa, poesia e teatro, pela abundância de obras e autores formadores das três gerações românticas, na poesia, tem em Luís Nicolau Fagundes Varela (1841-1875), seu expoente maior, em temas influenciados pela religião. Sobre ele, João Domingues Maia escreve: “Por vezes, sua poesia religiosa, de inspiração bíblica, atinge a contemplação mística.” Escreveu: *Anchieta ou o Evangelho das Selvas* (1875) *Cantos Religiosos* (1878)

4.1 Na poesia “A Voz do Poeta”, Fagundes Varela exterioriza a sua angústia e conflito em buscar a Deus nos seres materiais, visíveis - elementos da natureza - pede perdão ao Senhor e reconhece que “Todos os elos a teu ser se prendem / Tudo parte de ti e a ti se volta.” Ao se declarar crente, em meio ao sofrimento em que vive, Fagundes Varela afirma: “Que os gênios inspirados nesta vida / Em vão tentaram descobrir no mármore”. Não o encontraram: Deus é transcendência, não limitado a tempo, espaço ou matéria. Eis o poema, na íntegra:

“Perdão, Senhor, meu Deus! Busco-te embalde
Na natureza inteira! O dia, a noite,
O tempo, as estações, mudos sucedem-se,
Mas eu sinto-te o sopro dentro d’alma!
Da consciência ao fundo te contemplo!
E movo-me por ti, por ti respiro,
Ouço-te a voz que o cérebro me anima,
E em ti me alegro, e canto, e penso!

Da natureza inteira que aviventas
Todos os elos a teu ser se prendem,
Tudo parte de ti e a ti se volta;
Presente em toda a parte, e em parte alguma,
Íntima fibra, espírito infinito,
Moves potente a criação inteira!
Dás a vida e a morte, o olvido e a glória!
Se não posso adorar-te face a face,
Oh! basta-me sentir-te sempre, e sempre!

Eu creio em ti! eu sofro, e o sofrimento
Como ligeira nuvem se esvaece,
Quando murmuro teu sagrado nome!
Eu creio em ti! e vejo além dos mundos
Minha essência imortal brilhante e livre,
Longe dos erros, perto da verdade,
Branca, dessa brancura imaculada
Que os gênios inspirados nesta vida
Em vão tentaram descobrir no mármore!” [16]

5. Séc. XIX - Simbolismo

Afonso Henriques da Costa Guimarães (1870-1921), o nosso poeta simbolista maior, escreveu três obras de caráter nitidamente religioso e místico: *Setenário das dores de Nossa Senhora das Dores* (1899), *Dona Mística* (1899) e *Kiriale* (1902).

José de Nicola declara, sobre ele: “Misticismo, Amor e Morte - eis o triângulo que caracteriza

a obra de Alphonsus de Guimaraes, sendo comum a crítica literária considerá-lo o poeta mais místico de nossa literatura; o amor pela noiva, morta às vésperas do casamento e sua profunda religiosidade e devoção pela Virgem só poderiam gerar um misticismo que beira o exagero”. [17]

Merece atenção especial a obra Setenário das dores de Nossa Senhora, “um livro que atesta o misticismo do poeta mineiro e sua devoção: são 49 sonetos divididos em sete grupos de sete sonetos cada, sendo os grupos dedicados a cada uma das dores de Nossa Senhora”. [18]

6. Séc. XX - Entre a Racionalidade e o Misticismo

Augusto dos Anjos (1884–1914) surpreende por apresentar a marca do religioso no poema “A um carneiro morto”. A leitura do soneto nos conduz à figura do Cristo crucificado (ovelha, cordeiro), ensangüentado, maltratado por algozes, (judeus e soldados romanos) após ser traído e vendido por trinta moedas (dinheiro). Na última estrofe, o poeta encerra o poema evocando a doutrina-base do cristianismo: o perdão. A fé do cristianismo ensina que o sangue do cordeiro lavou os pecados da humanidade.

“Misericordiosíssimo carneiro
Esquartejado, a maldição de Pio
Décimo caía em teu algoz sombrio
E em todo aquele que for seu herdeiro!

Maldito seja o mercador vadio
Que te vender as carnes por dinheiro,
Pois, tua lã aquece o mundo inteiro
E guarda as carnes dos que estão com frio!

Quando a faca rangeu no teu pescoço,
Ao monstro que espremeu teu sangue grosso
Teus olhos - fontes de perdão - perdoaram.

Oh! tu que no Perdão eu simbolizo,
Se fosses Deus, no Dia de Juízo,
Talvez perdoasses os que te mataram!” [19]

O termo inicial do poema é Misericordiosíssimo - superlativo absoluto de misericordioso - aquele que usa de compaixão ilimitada e, por esta razão, detentor da capacidade de perdoar “Teus olhos - fontes de perdão - perdoaram”.

Interessante observar como o poeta atribui a um ser irracional a possibilidade de optar pelo perdão, que se constitui um ato de benevolência extrema e quase sobrenatural.

William Roberto Cereja define Augusto dos Anjos: “Para o poeta não há Deus nem esperança; há apenas a supremacia da ciência. Quanto ao homem, as substâncias e energias do universo que o geraram, e a matéria de que ele é feito - carne, sangue, instinto, células - tudo fatalmente se arrasta para a podridão e para a decomposição, para o mal e para o nada”[20]. Entretanto, este poema desafia a inteligência do leitor que o analisar tão somente pela ótica realista-parnasiana e o induzirá a outros caminhos: o misterioso simbolismo transcendental.

7. Séc. XX - Modernismo

Murilo Mendes (1901–1975) participava de um forte grupo de intelectuais cristãos, que se propunham a lutar pela renovação do espírito católico, envolvendo não só o catolicismo, como ideais político-sociais, fundamentados na justiça e na harmonia. O grupo se organizou sob inspiração do filósofo francês Jacques Maritain e outros escritores católicos europeus. Murilo Mendes se dedicou à poesia metafísico-religiosa, mais intensamente, a ponto de radicalizar-se, no Poema espiritual, logo na primeira estrofe:

“Eu me sinto um fragmento de Deus
Como sou um resto de raiz
Um pouco da água dos mares
O braço desgarrado de uma constelação.”[21]

Segundo Maria da Conceição Castro: “Esse aspecto religioso de sua obra vem impregnado de uma acentuada angústia, de uma preocupação constante com os destinos do ser humano”, e acrescenta: “Outra fase da obra de Murilo Mendes é a recuperação da poesia religiosa, cristã, através da valorização de sua simbologia. O poeta vê nas imagens bíblicas sinais de uma liturgia cósmica, signos universais a serem retomados na poesia, como Adão e Eva, a gênese do universo, o bem e o mal” [22].

No poema “Crucifixo de Ouro Preto”, Murilo Mendes demonstra atração plena por Jesus Cristo e reconhece que, apesar do amor divino, sente aflição e inquietação espiritual em virtude da dificuldade de se aproximar do Cristo.

“Crucifixo, fixo fixo
Crucifixo, Deus parado
Para eu poder te fixar,
Deus ocluso na tua cruz,
Entre mim e ti, ó Deus,
Quantas vezes dou a volta,
Quantos olhares, angústias,
Súplicas mudas, silêncios,
Falta de jeito e aridez,
Crucifixo fixo, fixo,
Cristo roxo da paixão,
Transpassado, transfixado,
Chagado, esbofeteado,
Escarrado; abandonado
Pelo Pai de compaixão,
Crucifixo fixo fixo,
Deus fixado no amor,
Deus humano, Deus divino,
Deus ocluso na tua cruz,
Crucifixo fixo fixo,
Nosso irmão Cristo Jesus.”[23]

8. Conclusão

A Literatura Brasileira, comprovadamente, é enriquecida, de suas origens à atualidade, pelas manifestações mais profundas do espírito humano – a espiritualidade.

Referências Bibliográficas

1. CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a el-rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil. Introd. atual. do texto e notas de M. Viegas GUERREIRO; leit. paleogr. de Eduardo Nunes**, Lisboa, Imprensa nacional, 1974.
2. FARACO & MOURA. **Língua e literatura, 2º grau**. São Paulo, Editora Ática, v.1. p. 282, 1995.
3. MATOS, Geraldo & L. Megale. **Português, 2º grau**, São Paulo, FTD, v. 1, p. 181, 1993.
4. PELLEGRINI, Tânia. **Palavra e arte: 2º grau**, São Paulo, Editora Atual, v.1, p. 213, 1996.
5. CAMPEDELLI, Samira Youssef: **Literatura, História & Texto, 2º grau**, São Paulo, Editora Saraiva, v.1, p. 194, 1994
6. MATOS, Geraldo & L. Megale. **Opus cit**, p.184.
7. Idem, ibidem, p. 182.
8. PELLEGRINI, Tânia. **Opus cit**, p. 232.
9. PEDRO, Aquilino de. **Dicionário de termos religiosos e afins**, Aparecida. São Paulo, Editora Santuário, 1993.
10. PELLEGRINI, Tânia. **Opus cit**, p. 259.
11. RICARDO LEITE ... /et al./: **Novas palavras. Literatura, gramática, redação e leitura**, São Paulo, FTD, v.1 p. 116, 1997.
12. MATOS, Geraldo & L. Megale. **Opus cit**, p.191.
13. PROENÇA Filho, Domicio. **Estilos de época na literatura: através de textos comentados**. 9 ed. São Paulo, Editora Ática, p. 144, 1985.
14. TUFANO, Douglas. **Estudo de línguas e literatura, 2º grau**, São Paulo, Editora Moderna. v.1, p.219, 1992.
15. IZAIAS & BRAZ. **Novo horizonte. português, literatura, linguagem e redação**. v.1, p. 115 s/d.
16. CASTRO, Maria da Conceição. **Língua & Literatura, 2º grau**, São Paulo. Editora Saraiva. v.2. p. 88, 1993.
17. DE NICOLA, José: **Língua, Literatura & Redação**, São Paulo, Editora Scipione, v. 2, p. 223, 1998.
18. Idem, ibidem.
19. DOS ANJOS, Augusto. **Obra completa**. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, p. 233, 1994.
20. CEREJA, William Roberto., MAGALHÃES, Thereza Anália Cochar. **Português: Linguagens: literatura, gramática e redação, 2º grau**, São Paulo. Editora Atual, v.3. p.16, 1994.
21. Idem, ibidem, p. 238.